

Combater na imanência

Luiz B. L. Orlandi (Filosofia - unicamp)

Uma das admiráveis virtudes intelectuais de Gilles Deleuze consistia em dizer muito em poucas palavras. Uma especial concisão também acontece neste pequeno livro dedicado à filosofia de François Châtelet, seu colega de ensino em Paris. Mas ao dizer essa filosofia em poucas palavras, Deleuze não resume os cinco livros de Châtelet aqui listados e nem expõe muito rapidamente o mais citado deles: *Crônica das idéias perdidas*, publicado em 1977. A concisão deleuziana é de outra consistência: ela vem do seu gosto filosófico pelo acontecimento, donde um aparente paradoxo: é que sua escrita, ao contrário do que se espera de uma disponibilidade ao acontecimental, foge de uma adesão às coisas (o que não significa falta de atenção a elas) e de um culto ao estoque de informações (o que não significa falta de pesquisa e leitura). Por uma razão inerente ao pensamento que nela flui, essa escrita se contrai como exploração conceitual de linhas que tecem a virtualidade do acontecimento, evitando, assim, alongar-se na documentação das encarnações deste em estados de coisas e enunciados.

No caso deste pequeno livro, essa atração por linhas virtuais traduz-se como concentrada atenção a certos singularizadores nocionais. Graças a estes, descortina-se uma breve tecitura de conceitos, esse lugar de intersecção (mas não de fusão) das duas vertentes: a das obras de Châtelet e a das de Deleuze. Então, é como se tivéssemos neste livro o esboço conceitual de uma virtualidade comum a esses dois pensadores contemporâneos. É essa comum virtualidade (mas entendendo-se esse comum como transmutatividade, como complexa diferenciação) que cada uma dessas obras vai erigindo enquanto traça distintamente sua própria maneira de pensar, seu modo singular de revirar-se nela. Sendo assim, caberia lembrar alguns poucos conceitos que, variando em cada um desses modos de pensar, tornam possível pelo menos entrever seu plano de coexistência.

Pois bem, este delinea-se como tendência filosófica a instalar-se num "puro plano de imanência". Essa tendência, assumida como escolha, é imediatamente política, é imediata propensão ao combate em quaisquer dos fluxos ou dobras desse campo de imanência. Qual é a operação que se reitera nessa tendência combativa? Pensando a imanência como campo problemático, a operação de combate, reiterada aquém de palavras de ordem, consiste em criar e fazer com que surjam os "verdadeiros problemas", fazer com

que se liberem gritos, dores e também cantos sufocados, agitando saídas em meio à proliferação do intolerável. Combater na imanência é potencializar guerrilhas que não fazem o jogo cômodo das máquinas produtoras de universais (como os de contemplação, de reflexão e de comunicação), máquinas que, impondo seus próprios problemas, submetem outros ao domínio de estratégias ou focos transcendentais, sejam estes a Razão, a racionalidade de presidentes da república, líderes de grupelhos, interesses poderosos ou deuses quaisquer.

Para o "aristotelismo" de Châtelet, esse infundável combate deve, a cada vez e em cada caso, poder atualizar a "potência" em processos plurais de "racionalização". Isto quer dizer instaurar "relações humanas" em uma "multiplicidade qualquer", seja esta grande ou pequena, multidão ou indivíduo. Trata-se, a cada vez e em cada caso, de desobstruir "devires democráticos". Mesmo sujeito a fracassos constantes, pois que a irracionalidade, a relação não humana é interior ou inerente à própria relação humana, o combate por esses devires é sempre retomado para pelo menos contornar "demolições" que ameaçam e destroem coletividades e indivíduos. O combate há de ser cuidadoso com seu próprio estilo, pois ele nega a si próprio quando vai à reboque de uma "doutrina da razão universal", de um apelo utópico a uma "cidade ideal" ou a um "Estado universal de direito". Com efeito, esse combate privilegia a "singularidade", que não é precisamente o individual, mas o caso, o acontecimento, uma "configuração de acontecimentos", um "devir ativo", uma "decisão".

Em vez de ser o "movimento forçado" por uma transcendência, essa decisão, esse devir ativo compõe-se como "movimento natural" que explora vizinhanças segundo conexões não preestabelecidas, "indo do coletivo ao individual e inversamente". Se Péricles e seus gregos são lembrados, é graças a essa idéia de um movimento que implica decisões na imanência, que propicia "conjunção de singularidades" e estabelece distâncias que facilitam a organização de relações "simétricas e reversíveis efetuadas por homens livres". E se a música é lembrada, principalmente a de Mozart e a de Verdi (não a de Wagner, "muito engajada no Universal e na universalização da destruição"), isso não acontece apenas porque Châtelet sempre viveu na "vizinhança" dessa arte, mas porque ela, em vez de ser "fundo sonoro" e em vez de ser afirmação do vivido ou do conceito abstrato, é "atividade", constitui o "ato da Razão sensível". Por isso, a música nos lembra que a própria "razão não tem como função representar, mas atualizar a potência, isto é, instaurar relações

humanas numa matéria", neste caso, a matéria sonora. Talvez seja também essa a perspectiva capaz de reunir o almejado pelos responsáveis pela escrita, tradução e publicação deste livro: que novas e criativas relações humanas se proliferem ao fluxo dos mais variados ângulos de sua leitura. Que se pode, dignamente, querer mais?